

Annexes

Annexe 1 : Entretien avec un soldat de l'UPP	81
Annexe 2 : Entretien avec Simone Colucci, directrice de l' <i>Instituto Tocando em você</i>	91
Annexe 3 : Entretien avec des habitants de la <i>favela do Salgueiro</i>	97
Annexe 4 : Familles expropriées ou menacées de l'être par des projets liés à la Coupe du Monde 2014 et aux Jeux olympiques 2016	119
Annexe 5: Dates d'installation des UPP jusqu'en janvier 2012	120
Annexe 6 : Taux de létalité violente pour 100 milles habitants	121
Annexe 7 : Taux de létalité violente pour 100 milles habitants en opposition à une intervention de police	121

Annexe 1 : Entretien avec un soldat de l'UPP

Entretien improvisé avec un soldat de l'UPP dans les bureaux de *l'Instituto Tocando em Você* le 28 septembre 2016.

Intervenants :

- Soldat de l'UPP : Anonyme, nous l'appellerons Tomas
- Une employée à *l'Instituto Tocando em Você* : Anonyme, nous l'appellerons Laura
- Simone Colucci : Présidente de *l'Instituto Tocando em Você*
- Marcia Renault : Journaliste et bénévole à *l'Instituto Tocando em Você*

Florence: Qual é a diferença de favelas e o termo comunidades? Qual é a definição duma favela para você?

Tomas: Favela é um termo um pouco vulgar, uma coisa mas feia. Você falou de favelas, duma persona de favelado, já não é um nome utilizado hoje.

Laura: O termo comunidade é um termo novo, preconceito de favela, o adjetivo favelados, pessoas que morram nas favelas e faveladas, pessoas que morram no lugar sujo, pessoas sujas, não educadas, pessoa sem acesso a educação, todos se jugavam como favelas o favelados. E este termo fue substituto por o termo comunidade, que é um lugar de classe baixa mas tem pessoas sem acesso a educação.

Simone: Laura, fala seu nome e onde você mora.

Laura: Eu sou Laura e eu moro numa comunidade.

Simone: Qual é o nome de sua comunidade?

Laura: Se chama Novolanda, que fica dentro do complexo da maré que inclusive acesso a aeroporto internacional onde aconteceu factos desagradáveis e problema de politica, de segurança publica.

Florence: O que você acha da chegada dos eventos esportivos? Você acha que é algo positivo ou negativo para as comunidades?

Tomas: Positivo o negativo... As comunidades não serviram para nada, serviu para maquillar. Mais ainda a segurança publica teve muito policiamento, muita segurança. Ficou bonitinho para as pessoas de fora. E de pensar que estava tudo ok na segurança publica mas os jogos não foram

embora, não acabaram. E a segurança pública voltou a ser fragilizada. Voltou a ter confrontos e diminuiu nem. E como se fosse uma pausa para violência mas só serviu mesmo para mascar a realidade. Para a comunidade não serviu para nada, para nada. Ah não tem uma coisinha sim! No caso de como a maior dos eventos se aconteceram na zona sul, foi um verdadeiro motivo de instalar os UPPs na zona sul, foi uma forma de deixar, o UPP serviu de maquillar aí mesmo mas foi uma coisa que não é certo mas há perguntas que eu devo esconder, então só serviu para maquillar.

Florence: Quando começo a primeira UPP?

Tomas: A primeira UPP foi em Santa Marta, eu acho que em 2002 ou 2008 eu não sei agora. Simone, quando foi que chegou o UPP em Santa Marta? Eu acho que em 2002.

Florence: E o que faz o UPP?

Tomas É uma polícia diferenciada...

Simone: Foi em 2008! 19 de novembro de 2008.

Tomas: O que faz UPP... Bom, faz coisas diferentes, de que normalmente um policial pode fazer, subir morro, arquivos, coisa deste tipo. Faz um trabalho de proximidade junto às comunidades, faz um policiamento extensivo, procurou sanar, resolver os problemas da comunidade, ela procura quase tudo o que não se encontra na comunidade. Exemplo, projetos sociais, tudo junto com UPP, tudo. Tudo se faz junto com UPP, projetos sociais,... Hoje dia muito mundo sabe UPP e o que fica lá é correcto, as instalações pecadas e que serve para você ficar bem para trabalhar.

Florence: Mas as UPP foram instaladas nas favelas, nas comunidades?

Tomas: Sim mas só em zona sul porque é próximo dos megaeventos esportivos, a Copa, e também é porque é onde mora a classe alta daqui, de Rio de Janeiro.

Florence: E que passa com as outras favelas? Não são abandonadas?

Tomas: Agora, estou aqui para dizer que não estão abandonadas mas elas são precárias, o armamento é precário, as munições são velhas e o efectivo é reduzido,... Os marginais voltam e têm tudo o controlo a favor deles. Os policiais muitas vezes têm duas opções, só duas: a primeira é continuar com o fronto mas a presença do policial não vai mudar nada, vão continuar vendendo armas; ou a segunda forma é corromper, isso sim é que aconteceu nas UPP com alguns policiais

onde UPP esta bem fragilizado. Antem era tudo bem mas pode continuar combatendo numa guerra que já perdeu muito tempo ou se corrompem, não existe outro caminho.

Florence: As UPP sempre estão presentes nas comunidades hoje?

Tomas: Sim todos os UPP que foram fundadas, ni uma dela abandonou o barco, todas elas continuam no mesmo lugar, pode cambiar a situação porque la verdade dos policiais muitas vezes não tem menor possibilidade. Na UPP os efectivos são 30 por dia, 30 por dia na comunidade no é nada, isso no defende nada na comunidade. A comunidade é um mundo salvage com homens armados, então isso aconteceu.

Florence: Então você acha que a chegada da UPP no excluiu os problemas de violência nas favelas?

Tomas: A maioria, isso foi um ponto positivo. Quando a UPP chega numa comunidade, junto com ela ha varias coisas: a presença armadas não acaba porque no faz parte de... A UPP ela não vai acabar contra isso, isso não é por o posto dela. Então quando você subiu a Salgueiro, você não vê ninguém portando um fuzil e isso é uma certeza. E quando uma UPP chega numa comunidade o preço do imóvel aumenta, ele fica mais valorizado. Seguradoras não cobram tão caro pois o índice de violência reduz. Tem mas vontade mas repete a pergunta por favor.

Florence: Si a presença das UPP nas favelas diminuiu a violência?

Tomas: Eu não tenho os números exatos mas tinha uma localidade onde o número de homicídio era enorme. A própria guerra entre os tráficos que hoje não tem nas áreas onde tem UPP(pela menos algumas), já causou vários homicídios, vários mortos, expulsavam membros de antiga facção então este tipo de coisa diminui, muito, uns 80 por cento. Mas está longe de ser o "país das maravilhas".

Florence: E qual é a relação entre a comunidade e a UPP?

Tomas: Depende muito...das raiz dos moradores. Exemplo: a comunidade mangueiros, os moradores são bem agressivos, porque o próprio histórico desta relação mostra situações onde parentes de moradores foram assassinados por policiais, crianças que cresceram vendo aqueles homens cheios de ouro e fuzis(bandidos). Então eles gostam, digamos assim, da sacanagem.

Simone: Eles gostam do trafico!?

Tomas: Sim, gostam do trafico. Muitos também não gostam da UPP por simples fatos de se a lei andou, as coisas precisam ser legalizadas. Terão que voltar a pagar água, luz. Então as pessoas não conseguem viver na legalidade. O tráfico dava água, luz. Não se podia por exemplo cortar luz, pois avia um traficante para mandar o cara da light embora, com a UPP tem que pagar como qualquer cidadão. O povo brasileiro não todo esta corrupto, boa parte da comunidade gosta de coisa errada. Então a relação deles para os policiais nem sempre são boas. Como no caso de Santa Marta e outras UPPs, tem pessoas que realmente não gostam de coisas erradas. Esses, usam suas casas apenas para residir apoiaram a nossa presença. São os que nos ajudam ligando para o disque denuncia. São os nossos colaboradores, e os primeiros a sofrer com uma possível saída da UPP.

Florence: Com a UPP, os antigos traficantes de droga foram expelidos das favelas?

Tomas: Nuna ! Diminuiu, os que estavam bastante procurados migraram para outras facções. Diminuiu efetivo, uma suposta comunidade tinha 300 homens e agora é 50, demos aqui um exemplo. O trafico armado já não é tão necessário assim, ele usado geralmente para a outra facção não invadir. Apelidam a gente de segurança pois estando lá na comunidade não vamos deixar isso acontecer. Como quase aconteceu quando uma facção tentou invadir aqui e rapidamente encheu de policiais e facção local não precisou fazer quase que nada para proteger seu morro.

Florence: Os antigos traficantes, o que se tornaram?

Tomas: Eles foram expelidos noutra comunidade que tem a mesma facção, outros permanecem no lugar. Quando chega a UPP nem todos vão embora, alguns ficam, se escondem, principalmente aqueles que estão com a ficha limpa. Sabem que fica mais fácil se esconder da gente. Até porque existem pontos na comunidade que muitos policiais não conseguem acessar. Como diz, na televisão mostra uma coisa. Tem áreas na comunidade em que eu trabalho em que eu não posso subir. Eu posso subir desarmado até certo ponto. Eu tenho um teto de vôo até onde é tranquilo para mim. Tem certos pontos que eu não posso passar nem no melhor momento do mundo que eu vou levar tiro. Os marginais não saem das comunidades, toda comunidade que tem UPP tem marginais y todas tem confrontos quase todos os dias.

Florence: Qual é o papel das mídias neste problema? Elas fazem um papel chave na relação criminalidade-favelas?

Tomas: A mídia não ajuda os policiais e não ajuda a comunidade. Se aparecesse a metade do que realmente acontece nas comunidades, com certeza, alguém ia se sensibilizar e teríamos mais apoio, não teríamos chegado a situação de efetivo reduzido, armamento precário, morte de policiais, morte de moradores (por que infelizmente em uma guerra morre gente dos dois lados). A mídia não ajuda, ela realmente só mostra aquilo que da audiência... A mídia nunca mostra tudo realmente o que acontece, ela mostra só o que você "precisa ver", e o que der audiência para ela. Não, não ajuda, nem policiais e nem a comunidade.

Florence: Você já ouviu falar do termo gentrificação?

Tomas: Gentrificação?

Florence: Si é um termo que pode ser entendido como o processo de mudança imobiliária...

Tomas: Simone ajuda por favor.

Simone: Gentrificação... É um termo tipo assim... Transformação do mundo de gente. Aquela gente invisível que não era gente... Aí é a palavra estudada dentro dum estudo sociológico, de sociologia. Agora a definição, é a maneira que altera os espaços urbanos. A palavra gentrificação, do inglês gentrification, pode ser entendida como o processo de mudança imobiliária, nos perfis residenciais e padrões culturais, seja de um bairro, região ou cidade. Para mim, tem dois perfis de gentrificação : ali, não era um lugar para morar gente, agora vai ser um bairro, vai ser um lugar para morar gente de bem. Mas assim, não é aquele lugar que deixe a todo mudado para que aquelas pessoas que estão lá ficaram, não, vamos mudar, se possível vamos expulsar as pessoas que estão, entendeu? Para colocar outras melhores. Vamos expulsar o que não é gente para colocar uma gente melhor. É uma coisa que você vê substituindo uma gente para outra.

Não, eu quero dizer o seguinte. Alguns lugares no Vidigal estão sendo comprados, estão sendo vendidos, para incluir estrangeiros que estão começando a montar negócios nas comunidades e criar o turismo para substituir a população local. Na Bairra, algumas áreas foram desapropriadas para de aí, criar, por exemplo, algumas áreas do programa *Minha Casa Minha Vida* eram áreas de comunidades que foram retiradas. Mas também por outro lado expulsado porque só o que pode pagar o programa *Minha Casa Minha Vida* é alguém que tem dinheiro para pagar o programa *Minha Casa Minha Vida*, não é? Estou falando sério, não estou falando errado! Muita gente que precisava de *Minha Casa Minha Vida* não tem dinheiro para pagar. Eu não acho errado o programa *Minha Casa Minha Vida*, se fala o programa *Minha Casa Minha Vida* errado, eu vou estar cometendo um erro porque eu acho que tem que ter habitação digna. Eu sempre fique muito

preocupada quando tiram uma pessoa que mora neste lugar porque aquela pessoa que mora neste lugar, morando bem ou morando mal, mas é porque eles não tem outra lugar para morar.

Marcia: Eu posso dizer a verdade? O programa *Minha Casa Minha Vida* é uma porqueria! Fizeron o conjunto de habitações para as pessoas morarem, longe de tudo, sem acesso a hospital, sem acesso a supermercado, sem acesso a nada! As casas estão perdidas no meio de nada! Você no pode colocar uma familia longe de um hospital! Agora porque até tiempo morriu essa moça? Morriu porque estava grávida, ela no teve atendimento, isso não é divulgado na imprensa por que não interessa a ela e ao poder público divulgar isso. Um senhor morreu porque não teve atendimento, ele teve um edema pulmonar, uma cosa simples de ser sanada num hospital se por exemplo morasse em Campo Grande, Bangu. Nos locais perto de alguma coisa. Então construíram tudo no nada, tendo construído bem os traficantes e bandidos ocuparam ali onde era a antiga penitenciária. Ali era um conjunto habitacional do programa Minha Casa Minha Vida. Tudo lá no escafundó de Judas. Um ou outro são construídos por aqui, mas a grande massa fica lá. Então não adianta.

Outra coisa é como se procurar trabalho. Como eles vão procurar trabalho se não tem dinheiro para pagar passagem, e si onde moram é muito distante e muitas vezes precisam de dois transportes para chegar no centre da cidade, uma baléla. Ontem a Rede Globo teve que mostrar, uma família queria o titulo de propriedade do apartamento que eles estão pagando. Agora porque não tem títulos de propriedade?

Um senhor da Caixa Econômica Federal falou: - Só quando terminar de pagar!

Florence: As comunidades então tem que pagar um aluguel para morar lá?

Laura: Sim, tem que pagar um aluguel.

Florence: E os preços subiram?

Tomas: Com a chegada das UPP, tudo foi um pouca mais valorizado, fico mais valorizado.

Florence: Sim, mas a gente que não tinha muito dinheiro ja não conseguiu pagar então?

Tomas: Nem tudo aumentou o valor, só os imóveis. Mas fora disso, morar numa comunidade fica mas barato, se você vai comprar um feijão aqui na comunidade por um preço, você o vai comprar no supermercado no preço mais alto, porque o publico é um publico mais carente, desempregado, coisa deste tipo.

Florence: Obrigada.

Simone: Qual é sua ferida sendo um soldado da UPP?

Tomas: Ver meus colegas de farda tombando, numa guerra em que o próprio estado que deveria nos abraçar, não nos oferece a menor condição de lutar. Porque a constituição não está em nosso favor, o marginal mata é uma coisa, o policial mata é outra. Eles quando matam muitas vezes vão responder em liberdade e se for preso vai ficar pouco tempo. O policial mesmo estando no exercício da função responde pelo penal militar e pela constituição. Dependendo da situação, pelo regulamento de disciplina ela vai ficar preso "a disposição". Seu direito de ir e vir é cerceado. Você não foi julgado nem sentenciado e fica preso. E por você ser funcionário público a sua pena é agravada.

Tem uma diferença quando um marginal mata e quando um policial mata mesmo no exercício da função. Nada estimula ele. O salário é baixo, muitas das vezes seus superiores hierárquicos são corruptíveis. Não tem estrutura, armamento precário (mais velho que você). A mídia como já dito não ajuda, ela é a primeira a dizer que o policial matou, mas não diz por que você matou. Se para se defender, defender um cidadão. Essas são as feridas do policial, feridas que doem, porém quem mais vai sentir é a sociedade. Nenhum policial quer ser preso(perder seu direito de ir e vir), o policial que mata sabe que não quer responder preso, não quer perder a farda. Ele está se tornando mais omissivo, está se resguardando mais, pois se ninguém está a favor dele por vai lutar uma guerra que já está perdida. Para piorar o seu salário atrasa, várias gratificações atrasadas.

[PAUSE]

Tomas: Quando um policial que tem essa conduta irregular, tem uma explicação sim. Eu modestamente nunca presenciei como policial nem como pessoa, um policial fazer isso sem motivo. Mas eu já vi diversas vezes, eu mesmo já quase fiz diversas vezes. O Brasileiro é muito mal educado. Ele não sabe obedecer um comando de - ponha a mão na parede; sem virar o olho, xingar ou falar alguma coisa. Sei que ele está ofendendo o Estado quando fala alguma gracinha, só que por trás da farda tem um ser humano que não tem sangue de barata. Então muitas das vezes acontece isso o policial perde a paciência, ele passa por aquilo todos os dias, uma hora ele se imputasse ele larga a mão mesmo. É negro chamando ele de corrupto, mandando ele soltar a arma e cair na mão, que se ele estivesse sem a arma na cintura ele não faria isso. Enquanto na verdade ele só está tentando cumprir a lei. Então como eu disse o Brasileiro é muito mal

educado, não obedece um comando simples de: abaixa o vidro do seu veículo sem virar olho. Será que faria isso diferente com um juiz ou com um parlamentar?

Só porque existe ali a presença do estado, para fazer seguir a lei por segurança, inclusive a dele, pois ele é o primeiro a morrer se acontecer alguma coisa errada. Então eles perdem a paciência as vezes. Os que fazem isso sem motivo não sei nem como conseguiram entrar na polícia. Os que eu vi fazendo isso foi porque um morador de bem falou ou fez alguma coisa. Não justifica (porém na farda tem um ser humano) . Ele não vai receber uma escarrada na cara e não dar nenhum soco.

[PAUSE]

Simone: Eu acho que você só começa na desconstrução desta realidade a partir da criança, de jovem, de aproximação. Assim, eu acho que quando você tem um preconceito e a preidea formada a partir dalguma coisa, para você, mudar idea do preconceito de comunidade em relação com policia, da policia em relação a comunidade. As vezes, só existe um caminho de aproximação e também o caminho da intermediação dessa aproximação. A vez é bom que entre um extremo e outra, existe também pessoas do meio. Então as instituições são muitas vezes um meio entre uma coisa e outra, uma zona de neutralidade. Por exemplo, aqui a comunidade se sente muito bem, esta casa esta ocupada por a comunidade com muito alegria, eles se sentem muito felizes vindo para cá, as mães, as crianças, gostam de vir jovens, adultos, gostam de fazer cursos, quando tem a apresentação gostam de trazer parentes, pessoas. A mesma coisa por exemplo no caso agora, a UPP que também esta vindo aqui esta sentindo uma colida.

Então assim é muito bom existir as vezes espaços que vão significar tanto para um protagonista tanto para outro protagonista mas que vai significar para cada protagonista um espaço de relaxamento, de distencionamento mas precisamos distencionar onde ninguém tem medo de ninguém. E tudo mundo tem uma regra: eu vou respeitar o outro. Então por exemplo, a nossa casa esta aberta realmente para UPP fazer o trabalho dele aqui, também para UPP vir e beneficiar dos cursos gratuitos que são dados aqui, porque da mesma forma que este curso esta aberto por uma pessoa da comunidade, ele esta aberto para uma pessoa da UPP. E lá verdade aqui, todos são comunidade porque comunidade o que é? O que é comun? Todos são iguais. Então no espaço de aprender, todos são iguais, de trocar, de fazer cultura, todos são iguais.

Agora, nós pagamos uma dúvida social mas somos um país que tivemos um processo de escravidão que durou 300 anos. Esse processo de escravidão deixou marcas profundas porque ele

ouviu uma libertação mas essa libertação não foi uma libertação estruturada, foi mais um acto, quando a gente não aguenta mais. E outra coisa, poderia ter durado ainda mais si não huve esses movimentos abolusionistas fortes, e inclusive tambem uma pessoa da monarquia que realmente queria fazer isso com tempo. Tudo isso trouxe marcas de identidade por ter durando tanto tempo. E por isso essa sociedade é uma sociedade dividida, com clases dominantes fortes, entendi?

Apesar de tudo o mundo, ser preto, ninguém queria assumir-se preto, porque ser preto, ser negro, era assumir-se de lá mas todos nós fomos escravos algum dia porque todo nós temos um antepassado que foi escravo, é muito difícil um brasileiro que não foi escravo. Todos nós de alguma forma fomos. E um passado que nos prende em dois caminhos, ou de ser o senhor, ou de ser capatais, o de ser escravo. Então assim existe uma relação difícil porque em algum momento, quando a pressão é muito forte, ou você se rebela, ou você mata, ou você dá um jeito. Então dar um jeito foi o que culturalmente nós aprendemos, nós tivemos que aprender a dar um jeito. E quando gente não ganha o suficiente que deveria ganhar, há um momento que a gente precisa dar um jeito. Então algumas pessoas numa comunidade, quando elas fazem uma coisa de luz, quando elas fazem uma coisa de água em vez de pegar um cano, de puchar um gato de luz... Gato é uma brincadeira, é um gesto de falar que está roubando sem dizer que está roubando. O gato passa por todo lugar, então um gato é um gato, a imagem mais metafórica. A vontade realmente não era de roubar, a vontade era de ter dinheiro para pagar mas não tem dinheiro suficiente para viver. Ah a gente só vai mudar isso, agora que nós mudamos todas as condições de vida, nós precisamos mudar essencialmente condições de vida. Eu falou, eu falou e eu nunca fui um gato na minha vida. Mas eu não posso me dizer diferente do outro...

Porque você joga o outro, você joga o outro sobre seu posto de vista, e você na verdade às vezes é muito beneficiado da vida, você nasceu nas condições em que você nunca precisou de fazer um gato. Então a gente só muda isso, tendo profundo respeito a quem faz um gato. A gente tem que entender o gato e a gente tem que entender para mudar essa estrutura porque assim, a intenção não é de roubar, a intenção é de viver, de sobreviver mas às vezes para sobreviver tem que dar um jeito. Não tem com quem deixar o filho, o filho está sozinho em casa, a televisão é a única coisa que tem em casa que prende atenção de menino que não para quieto. Sabe, o rico, o filho de papai, ele tem as condições para ter uma televisão com mais canais. Eles sabem que existe isso, porque o problema desta sociedade de consumo é que aquele menino lá que está acima e o pai daquele menino, ele vai querer ser um gato para dar ao filho dele uma oportunidade também.

Então assim, é por isso que eu adoro quando a gente pode dar coisas aqui, que não seja um gato, que seja uma coisa realmente de verdade. Sabe, que vocês estão dando uma coisa mais honesta possível, que tanto pode um menino de favela fazer um curso de inglês gratuito, quando um menino da comunidade fazer um curso de inglês gratuito. E que eles se sentem preferencialmente na mesma sala, porque quando você tem esse encontro que um vem da comunidade, um tá de chanelo, e outro está de tênis, um está com roupa suada, e outro está com a roupa de marca, mas eles estão sentados juntos, essa é a única condição possível de mudar este apartheid, porque é um apartheid cultural, é um apartheid social que se vive, de distâncias, de pessoas, que aqui a gente no Brasil resolve no Carnaval, se resolve principalmente no Carnaval mas não está resolvido. E isso vai chegando a um ponto de enfrentamento de classes. Então a gente tem que trabalhar muito. Eu sempre penso que eu trabalho pouco... Nós precisamos trabalhar muito para aproveitar esta geração e geração que estamos perdidos.

Tudo isso, a desorganização, ela pode causar o quê? Pode causar o aumento da criminalidade e a perda de talentos. E a gente precisava investir na educação esportiva, artística, a gente talvez precisava também de ter as Olimpíadas. Os ecos das Olimpíadas, eles se perpetuam em práticas esportivas. Porque não tem jeito de você de mecher a cabeça sem mecher o corpo. Cabeça, corpo, para aí mecher as intelectualidades mas você tem que tirar essa agividade para fora.

Agora, é também uma questão de investimento público e situação de corrupção que acontece em partidos dominantes mas também em outros partidos. Então, não vamos sair de tudo isso, mas vamos construir uma civilização que a gente merece mas não sozinhos.

Annexe 2 : Entretien avec Simone Colucci, directrice de l'*Instituto Tocando em Você*

Entretien avec Simone, directrice de l'*Instituto Tocando em Você*, 6 octobre 2016

Florence: Você se pode apresentar?

Simone: Meu nome é Simone Colucci, Simone Oliveira Colucci, eu faço parte do grupo Educarte, um grupo que existe na cidade de Rio de Janeiro, temos 29 anos de grupo, e aqui dirigimos o Instituto Tocando em Você. Nossa actuação se confunde ai um pouco com uma atuação que mescla arte, educação, projeto social e terapiais. Antes do Instituto Tocando em Você fundado em 2000, que hoje tem 16 anos, nos fundamos tamben o espaço cultural Tocan em Você e a escola Tempo da infancia. Mas o foco hoje é que a gente vem a falar no Instituto Tocando em Você que é uma organização privada sem fins lucrativos. Hoje trabalhamos com crianças e jovens de varias comunidades de Tijuca e tamben do asfalto. Nossa intenção é ver potencialisar pessoas para que elas podam ser donas de seu destino e tamben a gente de um futuro que a gente sabe que se globaliza cada dia e querem ser cidadão deste novo mundo, ter uma cidadania planetaria, isso é nossa intenção. Tocando em Você é tamben um espacio exclusivo e com gran aberto cultural e de diversidad.

Florence: Qual a diferença de favelas e o termo comunidades? Qual e a definição duma favela para você?

Simone: O termo favela foi um terme que començou ser usado em algum momento da historia da cidade do Rio para designar a habitação nos morros, então habitação muitas vecez precarias acontecendo nos morros em função de algum momento, movimento de expenção da cidade do Rio. Em função dessa habitação, por improvisação, já que muitas vecez o governo local fazia venidas ou principe já em 1808, Don Juan 6, ele trazia o imperio português pra America... Então assim, por varias veces na historia da cidade do Rio de Janeiro, a nessa cidade já ocupava os morros e de fazer uma ocupação duma forma não muita organizada. Ai surgiu o terme favela, ah eu vou morrar na favela. Agora, este termo foi tornada pegorativo, dai um nome favelado, uma pessoa, vamos dizer, duma segunda clase social. Então a partir da decada de 90, rescatando alta estima desses teritorios e dessas comunidades altamente dignas, foi utilizado então o termo comunidade, estamos trabalhando e se trata dum teritorio onde na verdade é o espaço comunitario. Vamos rescatar esse teritorio com espaço comunitario, com suas formas de vida e organização social que precisa ter intervenção do estado. Então dai surgiu o termo comunidade, asfalto. Asfalto que duma forma não morram na comunidade, morram em predios, morram em casas, as veces habitações mais...que a gente pode chamar de clase media, clase media alta, clase

media baixa, mas não exactamente em comunidade. Uma característica de nosso trabalho é estabelecer integração asfalto-comunidade, já que nos estamos perto da comunidade mas estamos no asfalto então somos um espaço neutro e de encontro.

Florence: O que você acha da chegada dos eventos esportivos? Você acha que é algo positivo ou negativo?

Simone: Eu acho que tudo em la vida gera impactos, todo tem impacto. A chegada dos mega-eventos no Rio de Janeiro, esportivos, eles tiveram impactos positivos na cidade porque eles estabeleceram um foco, eles jogaram um foco. A cidade, a aproximadamente 20 anos o 30 anos, ela não recebia obras de algumas areas especificas inclusive no centro da cidade. Então a necessidade de dever organizar a cidade para receber os jogos esportivos de caracter internacional é uma coisa que acendiu um faro em todas as situações sociais não resolvidas. Então as situações sociais que envolvia esportes, que envolvia proprio turismo como hospedar, principalmente uma abertura dos maiores vias de transporte, a revitalização do proprio centro da cidade, a construção de novos equipamentos esportivos, instalações esportivas. Agora é claro que você tem verbas e que essa verba caba sendo direcionada para se cumprir o calendario, e de ahi... Quero dizer, si a verba é sempre muito muito bem direcionada, de repente sobra para os hospitais, sobra para as escolas, mas o Brasil, ele ainda tem uma cultura predatoria. Nos como povo, ainda sufremos dos efeitos do tempo grande de colonização, depois dum tempo grande de esclavidão, dalguns procesos que foram procesos exploradores. Então quero dizer, a politica refleta ainda secuelas sociais e posturas que precisam ser mudadas. Então as vezes dentro do fazer governamental, faz que tudo recurso não seja tão bem dirigido. Claro que muitas obras foram feitas e que um trabalho muito ardo foi feito, agora tamben alguns estudos de impactos não foram feitos ou foram feitos não da forma que deveriam ser feitos. Então estudos de impactos ambiental, de onde colocar determinados predios, se não estavamos lidando com areas de mangui, se não estavamos lidando com areas de proteção ambiental, então você as vezes desmatou uma area, você tira uma comunidade duma area para construir um equipamento esportivo. Então vamos dizer, existe impactos negativos dentro do proceso, mas na balança entre um negativo e um positivo, nos tinhamos um efeito mutio mas positivo que negativo.

Quando você joga foco no lugar, existe um movimento de arrumação desse lugar, mas esse movimento de delocalização de outras partes, de outras pessoas, de outros paises, de outros lugares para o Rio, então o facto de tudo isso tà promovindo uma vinda de muitas estrangeiros. Eu não gosto deste palavra ‘estrangeiro’ porque acho que todos nos somos habitantes da planeta

terra. Mas assim, pessoas de outros lugares, tem uma vinda de pessoas de outros lugares que acaba trazendo essa vontade de voltar. O povo tem uma característica geral de acolimento, e de ser um povo festivo. Então eu acho que a vinda dos jogos para cá, eles também trouxeram resultados que são muito difíceis de serem mensurados hoje. O tempo é senhor de todas as coisas e os ecos desse resultado, nós veremos daqui 5 anos, daqui 10 anos. Eu tenho certeza que muitas pessoas vão querer vir, voltar de turista, inclusive para morar, isso é bom. Precisamos de mudança de mentalidade e essa mentalidade também será trocada a partir de uma nova consciência sobre isso. Acho que a humanidade caminha por uma evolução, não é a questão de um país mas de todos. E eu acho que o encontro que aconteceu aqui no Brasil e esta capacidade do Brasil de estabelecer e de receber este ponto de encontro e de vibração positiva, e isso é muito bom para a gente voltar, como também para um dia, a gente poder olhar nossos problemas e encontrar novas soluções.

Florence: As favelas mais próximas do centro, dos aeroportos e das ruas principais têm maior tendência a ser sujeitas às políticas da pacificação, o que passa sobre outras favelas? Elas são abandonadas?

Simone: É claro que assim... O problema é que muitas vezes você tem que fazer um evento e você tem que dar conta de uma realidade social que não foi cuidada, e você tem que correr, e muitas vezes tem que colocar para dentro do tapete apoiar a que você não vai poder a tempo.

Você sempre está cuidando dessa casa, quando você não faz isso regularmente, quando chega a visita, você pega poeira e joga poeira para dentro, esconde a poeira. Então quero dizer, isso é uma expressão bem brasileira, esconder a poeira, colocar a poeira pra baixo. Então às vezes assim... Nós temos um problema das comunidades, comunidades transformadas em bairros, ainda, todas as comunidades ainda não são bairros. Elas precisam ser bairros. Tendo vias expressas muito próximas dessas comunidades, muitas situações aconteceram dessas vias expressas serem, vamos dizer, receber muros, receber situações de vidros blindados, um contingente policial, uma demolição de casas... pra quem na passagem do estrangeiro,... Quero dizer, estabelecer condições mínimas de segurança também, evitando confrontos... Então quero dizer, muitas vezes se pacifica uma comunidade que fica mais próxima das vias de acesso e da visibilidade, e não se cuida de outras que estão mais interiorizadas na cidade, elas não têm tanta visibilidade. Elas são focos da violência, você não pode só cuidar de um local, você tem que cuidar de todo local. Agora, o Rio de Janeiro, ele tem população de um país, assim de um pequeno país mas de um país. O Rio de Janeiro tem uma situação complexa de um pequeno país.

Quando estou falando de Rio de Janeiro, eu estou falando do estado de Rio de Janeiro, estou falando doutra cidade que se chama Petropolis,... mas isso poderia ser um país. Então o problema as vezes é tão complexo que o prefeito, ele precisa de estar lidando com situações socais altamente complexas e situações que envolveria, não cuidando deste problema 5 anos, mas um plano de trabalho de 10, 20 anos. Então o que a gente precisava é que se estabelece essas metas de desenvolvimento de 20, 30 anos para que a gente consegue se transformar. Todos os bairros da cidade do Rio de Janeiro, todas as comunidades da cidade do Rio de Janeiro em bairros, totalmente tratadas como bairros. Então, claro que em função da conjuntura das favelas e da habitação precária, as vezes uma habitação que é próxima da outra, algumas construções dentro dessas comunidades, elas precisariam ser demolidas e construídas outras instituições mais abrigadas para as pessoas que estão lá, porque o problema é que quando as vezes você faz uma construção, se inventa um valor que aquela pessoa não consegue pagar, e uma outra pessoa vem e a pessoa é mandada por outro lugar, entendeu? Então nós precisávamos estabelecer quanto povo um respeito total de dignidade humana e a dignidade das criaturas que estão morando no lugar. E a gente realmente recoloca quem está, e também tem uma consciência local de que os locais também não poderiam manipular esta realidade porque as vezes, dentro de uma comunidade pode acontecer uma grande divisão do poder local, uma exploração dentro do processo de exploração. Então as vezes você tem um poder também local dentro da própria comunidade que passa atrás da cabeça do governo, tirando, colocando, manipulando. Então nós precisamos muito de ampliar a nossa consciência, aonde vai meu direito? Onde começa do outro? O que eu posso fazer? Eu sinto as vezes nesta grande cidade de vir trabalhar com essas crianças e jovens, o real sentido da preservação do direito do outro e do respeito restrito, restrito, ao direito do outro. E uma forma de aprender a viver, não sendo mais esperto que o outro, mas entendendo o que preciso conviver, eu preciso interagir.

Florence: Você acha que as políticas de pacificação excluíram os problemas de violência? As UPP sempre estão presentes? Qual é a relação delas com a comunidade?

Simone: Eu acho que toda a história da humanidade caminha para evolução, andando as vezes para frente, andando as vezes para trás, mas estamos no estágio da evolução. Então, dentro deste ponto de vista, o facto de ter comunidades totalmente dominadas pela ordem do tráfico, você tem gerações de crianças e jovens sendo criadas com essa dominação. Você tem uma lei do silêncio imposta, você tem um apartheid não estabelecido mas implicitamente estabelecido, muitas poucas do asfalto subindo as comunidades. Você tem coragem de subir, então sobe; você coragem de fazer um projeto social, você é só. Como você tem coragem de fazer um projeto social?

Muitas vezes eu ouvi isso porque pessoalmente eu desolvi projetos dentro da comunidade, dentro da comunidade de Salgueiro especificamente. Então assim eu acho que a presença do UPP foi um arco. Algumas coisas podem ser feitas, o estado pode entrar, uma força policial que joga um papel de intermediação, de presença do estado, de ver trazer ONGs, mas principalmente instituições publicas. E a comunidade também começou a entender que fora o que ela conhecia do passado, onde a violência não era ostensiva. Depois que ela conheceu a violência mais ostensiva que alguma coisa podia acontecer, então a chegada da UPP quebrou um pouco a lógica de que nada podia ser mudado. Agora, a UPP, ela precisava ter tido mais interfaces com movimento social. O governo, a governança, mais de uma vez, achou que ela conseguia sozinha mudar.

Florence: Eu queria falar sobre o programa ‘Minha casa Minha vida’, você que acha deste programa?

Simone: Para a gente pode falar sobre este programa ‘Minha casa Minha vida’, eu me sinto mais a vontade marcando com vocês para falar com um amigo que é do PT e ajudou na construção desse programa porque você vai ter uma visão dele, porque o que aconteceu foi o seguinte. Muitas coisas boas foram feitas pelo governo, eu tenho muito cuidado também com a situação quando há pergunta assim: a UPP é ruim? Não, a UPP é boa. Agora, o problema da UPP, voltamos um pouquinho, é que muitas vezes a UPP, ela não conseguiu fazer parcerias com os movimentos sociais.

Por exemplo, nós participamos do lançamento da UPP do maracanzinho, do show de lançamento com nossa orquestra. Nós estávamos no momento quando a UPP foi lançada. Nós colocamos nosso trabalho à disposição da UPP. Mas a UPP podia ter feito uma parceria muito maior conosco, não só com uma comunidade mas com outras comunidades. A UPP poderia junto com outros mecanismos ter buscado a articulação dos recursos, tipo parceira público-privada, parceria público mais empresas, mais ONGs, que podem realmente levar vários cursos de capacitação e que podem também trabalhar mais divulgando as capacitações que a gente também promove. Muitas vezes eu levei propostas que a UPP poderia trazer mais crianças por aqui, então eu acho que às vezes poderia não ter assumido assim a questão social, nem só para os mecanismos do estado na questão social. Mas está trazendo uma participação maior das ONGs dentro das comunidades. Então eu acho que isso foi um processo que poderia ter sido maior e que as coisas têm um tempo de acontecer, elas precisam ser acontecendo naquele tempo. A preocupação deles de abrir novas UPP desviou essa preocupação de ampliação social em cada pedaço, em cada território. Então o problema nosso, eu acho que passa muito por a quantidade. Só

Tijuca, nos temos 29 comunidades, se chamam grande Tijuca. Depois você pode ver os numeros de que o que significa mas significa alguns milhares de pessoas. Então é sempre muito complexo, o problema do Brasil e o problema da cidade do Rio de Janeiro, a geografia dela é uma geografia complexa. Então é complicado pensar na cidade do Rio de Janeiro sin pensar num plano de 20, 30 anos. E um plano que pode se ver, se acordar pluri-partidaramente e pluri-institucionalmente. É um pacto, mas não é um pacto so governamental, eu acho que envolve tamben cada cidadão. Você precisa jovens que saiem do conforto de ser em clase media, e que se coloquem como voluntarios de outros jovens. Vocês são partes dum grande movimento de educação. A gente esta buscando começar isso aqui mas precisa ampliado e replicado. Eu quero fazer com a presença de vocês, um lançamento na praça de aulas de educação nos sabados e domingos, e alguns dias do mes, de todos os jovens da clase media a jovens de comunidade. Eu acho que tem so uma questão de gente mudar. Eu sempre acho que o governo é relexo das pessoas e nos precisamos refazer e crear um aspeto de solidariedade entre nossos jovens de clase media, crear uma doação dum jovem em relação a outro, um sentido de conocimiento, ele seja tutor do outro, um jovem dando aula de geografia, de historia, de português, de cinema, de musica,... Um jovem pode titual outro. O camihno de desenvolvimento tamben e pessoal.

Florence: Sobre a questão da gentrificação, você acha que isso é certo e que esta pasando aqui no Rio?

Simone: Sim, eu acho que existe muitas intenções dalgumas comunidades, dalgumas areas de ser transformados em espaços...vamos dizer em espaços duma transformação social que outras clases sociais possam ocupar, que estrangeiros possam ocupar tamben, e ai creando um novo movimento de ocupação. Isso, é pela a vida nossa, pela vida solidaria existe movimento de aproximação, pela vida solidaria é tudo o que pode se fazer de estudos e conocimientos nas comunidades. Então quando a gente recebe pessoas que vem doutros lugares, estrangeiros, mas que estão interesados em conhecer as comunidades, visitar, e ver com seus proprios olhos e pensar soluções, isso é maravilhoso. Quando você tem uma pessoe que estuda arquitectura e ela pensa solução a favor duma transformação social. Então assim, a manipulação do espaço, ela precisaria ser... o que se chama gentrificação, e isso teria que ser substituido para um espaço de humanisação do espaço mas isso é uma questão de consiença, tamben de consiença dos proprios moradores porque dentro duma comunidade, vocês as vezes não têm a uma unidade que todas as pessoas querem desenvolvimento. Todas as pessoas querem tamben seleccionar caminhos para o bem de todos. Então é muito importante que se reveja uma forma de pensar de que não vamos resolver nossos problemas empurados outros.

Annexe 3 : Entretien avec des habitants de la *favela do Salgueiro*

Entretien à *Salgueiro*, 30 novembre 2016

1ère partie:

Intervenants :

- Laucy Mattos da Silva – 73 ans – habitante de *Salgueiro*
- Lida Maria Torraz Cardoso – 66 ans – habitante de *Salgueiro*
- Ana Maria Rodrigues Lopes – 63 ans – habitante de *Salgueiro*
- Isabela Lopes Baralos – 37 ans – ancienne habitante de *Salgueiro*
- Marcia Renault Lupino – 58 ans – journaliste
- Blanca – 29 ans – volontaire à l'*Instituto Tocando em Você*

Florence : Eu Estou fazendo uma pesquisa para minha dissertação que é sobre os desafios das olimpíadas aqui no Rio. Então eu queria ter o ponto de vista das comunidades. Você se podem apresentar um pouco? Qual é o seu nome ? A quanto tempo você mora aqui no Salgueiro ?

Laucy: Eu moro aqui em Tijuca desde muito tempo...

Marcia: Mas qual é o seu nome?

Laucy: Laucy Mattos da Silva.

Marcia: Você mora em Tijuca desde quanto tempo?

Laucy: Desde 73 anos, eu morava aqui em cima, lá na rua, mas aí meu pai teve dificuldades para alugar e tive que vir aqui.

Marcia: Desde quando você está no Salgueiro?

Laucy: Eu subi com 12 anos. Eu ajudei a minha mãe a criar 6 filhos.

Marcia: Os 6 irmãos aqui?

Laucy: Agora já não moram aqui não mas eu ainda moro aqui.

Marcia: Porque? Você gosta daqui?

Laucy: Ah porque eu achava que já tinha minha amizade aqui e tudo mundo já conhecia então fique aqui, eu não pretendo sair daqui não. Aqui temos tudo perto, eu não pretendo sair não.

Florence: Antes da UPP vir para o Salgueiro, você foi consultado se era a favor o a contra ?

Marcia: Antes da UPP vir para aqui no Salgueiro, vem alguém aqui perguntou para você, você é a favor o a contra da UPP?

Laucy: Não, não perguntaram não.

Florence: Você já foi consultada alguma vez em relação a alguma decisão política ?

Marcia: Por exemplo, algum politico...alguem subiu aqui perguntando o que esta faltando para você, o que esta faltando na comunidade?

Laucy: Sim já subieram mas para mim não perguntou, eu não assisti eles não.

Marcia: E não viu também?

Laucy: Não eu não vi.

Marcia: So ouviu falar?

Laucy: So ouvi falar.

Florence: Você observou alguma mudança depois que a UPP vem para a comunidade ?

Laucy: Para mim, eu não tenho que falar não, porque para mim é a mesma coisa. Eu moro aqui perto, ninguém se mete comigo e não me meto com ninguém. Eu não tenho nada que falar não.

Florence: Você se sente mais segura desde o estabelecimento da UPP ?

Marcia: Com a chegada da UPP tive mas segurança?

Laucy: E a mesma coisa.

Marcia: E dime uma coisa, a UPP foi criada para ajudar os moradores, coisa que nunca vieram. Então foi criada para quem não tiver... se ha um problema de Cedae (Programa de Parceria Privada para melhorar o saneamento), ela chama a Cedae...

Laucy: Ah foi para isso? (Rire)

Marcia: Sim ajudo algum dia?

Laucy: Não... Não

Florence: Você acha que as olimpíadas foram boas o ruim para a comunidade ? O não significou nada ?

Laucy: Não...

Marcia: Não mudo nada?

Laucy: Não, depois não porque eramos com nosso caminho assim, foi quando veio a... como se chama... para fazer a rua.

Lida: Ah o que Isabela trabalhou.

Marcia: Secretaria?

Laucy: Não...Porque nosso caminho não era assim não. Quando vem as obras, é quando o caminho ficou bom assim. Esta bem melhor mesmo, demorou muito mas fizeram a rua.

Marcia: Mas fizeram a rua por causa das olimpíadas?

Laucy: Não, isso foi bem antes.

Marcia: Então as olimpíadas não tiveram nada que ver na melhorada?

Laucy: Não, nada disso.

Marcia: E você viu algum jogo?

Laucy: Não, não pude ir.

Marcia: E você sabe de muita gente que veram os jogos ou não?

Laucy: Também não.

Florence: Você lembra quando fizeram a rua?

Marcia: Foi antes, bem antes das olimpíadas.

Laucy: Foi como há 20 anos.

Marcia: Agora, a gente falou de participação política, aqui por exemplo por la eleição da associação dos moradores, os moradores participam num jogo dalguma forma?

Lida: Olha esta ultima vez nos participamos.

Marcia: Tiveram votes?

Lida: E.

Marcia: E porque você não participou?

Laucy: Eu estou muita ocupada.

Marcia: Mas foi chamada?

Laucy: Foi sim. Eu sabia mas eu não podia não.

Florence: Tem turismo aqui na comunidade ?

Laucy: Não, eu não vejo.

Lida: Quando hà uma coisa especial eles vem, vem de bicicleta, fazer caminhada, um tour por aqui.

Marcia: A associação comercial e industrial de Tijuca, ela promove andar de bicicleta, ela promove um passeio,...

Isabel: Tudos gringos subiendo de bicicleta.

Marcia: E tipo um treking.

Blanca: Porque jà vimos no internet com informação turistica de aqui...

Marcia: Mas e pouco explorada nem?!

(PAUSE)

Florence: O que você acho da eleição do Marcelo Crivela ? Ele prometeu algo para a comunidade?

Laucy: Foi ele que arrumo as casinhas là emcima. Ele veio ai mas eu não assisti. Mas eu sei que foi ele que manda fazer as casinhas.

Lida: Mas isso foi antes.

Laucy: Sim foi antes. Eu acho que foi o primeiro ano que ele não conseguiu ser candidato.

Florence: Então ele não prometeu nada para depois das eleição?

Laucy: Depois ele não vem não.

Lida: Ele nunca vem.

Florence: E o Freixo?

Laucy: Também não.

Ana Maria: Eu fui uma que não votei nem por um nem por outro. A barbaridade que eu vi na televisão deles dois...

Laucy: Eu não votei porque já estava com 70 anos e não queria votar mas.

Blanca: A abstenção foi muito forte, sabe porque?

Ana Maria: Porque é muita baixadia, robadia, eles nunca pensam no povo, so pensam no bolso deles, no bolso deles. Não pode aumentar o salario minimo mas eles podem ganhar 80 mil.

Florence: Então como você sinto os gastos para as olimpiadas porque foram muitos?

Ana Maria: Para onde foi este dinheiro? E eu vejo muita gente... ao menos a mim me surpreendeu, a gente viu os esposos daquelas pessoas com varias deficiência, e mostro que muita gente que tem dois pernas, dois brazos não trabalham. Felizmente, o Rio de Janeiro esta sem governo decente, e nunca teve. Eu com meu 63 anos, nunca vi alguem que se preocupa com a classe pobre. Você falou que a UPP era para concertar coisas...

Florence: Não mudou nada...

Ana Maria: Não mudou nada filha, não mudou nada. Para mim o que mudou pelo menos, para mim, porque eu ficava muito triste quando iba pra igreja lá no canto que é nossa capela com minha nieta, habia trambuco (fusil) deste tamanho... então hoje não vejo mais, se pode ficar mais escondido. Se uma criança vem aqui, pasa o que pasa mas perto da nossa capela já não fica mais. A gente sabe tudo, mas a vista das crianças já mudou. É a unica coisa. Eles prometem tanta coisa, tanta coisa... Os do Banco do Brasil vem por aca uma vez, fizeram cafe para ele, um retrato para ele que eu não quis tirar, minha filha sabe o nome dele.

Laucy: Tudo o que pasa aqui eu não sei...

Ana Maria: Eu não quis tirar um retrato com ele, eu não quis porque eu não gosto de tirar retrato com politico porque eles gostam de aparecer so na epoca que tem eleição. Eles prometem,

prometem mas ele não faz. Quando ele se sente na cadeira là, são contaminado, a cadeira tem, sabe, não faz nada, nunca vi um deles fazer nada.

Florence: Quando você diz que prometem coisa, o que prometem?

Ana Maria: Prometem que vão concertar água aqui, que a gente não tem mais problema de água mas ainda tem problema de água, volta imeia. Na rua para ir na igreja, a gente vai cada segunda-feira, eu, ela e outras companheiras, fazer o terço, aí eles tapem, eles vão là, tapeiam, e 15 dias depois já está tudo de novo. Porque? Porque não faz como tem que fazer direitinho. Agora mesmo, dia 10, a gente está querendo fazer uma Tarde de Louvor, aí a gente está preocupada porque a coisa está minha filha...

Laucy: Aqui também fazemos cada sexta-feira...

Ana Maria: Tudo lugar tem um lugar para as crianças, pessoas idosas...

Blanca: Você que mora aqui, já viu... o morro mudou bastante tudo este tempo?

Laucy: Mudou muito, mudou mesmo.

Blanca: Em que melhorou?

Lida: Não tinha rua...

Laucy: Não, não tinha rua...

[PAUSE]

Marcia: Laucy já está liberada?

Laucy: Eu não sei...

Florence: Claro, obrigada.

[PAUSE]

Florence: Você se pode apresentar, dizer quanto tempo você tem morando aqui...

Marcia: Sempre moro aqui.

Lida: Eu nasci aqui, aí em cima. Quando nasci minha avó já morava aí em cima, bem em cima.

Marcia: A família toda?

Lida: É !

Marcia: O Salgueiro de hoje melhorou?

Lida: Em questão de escola de samba o morar?

Marcia: Não, morar aqui.

Lida: Eu sempre gostei de morar aqui !

Florence: Como é a vida aqui?

Lida: Eu era pacista do Salgueiro, eu formei broco, tinha broco ai, a gente fazer broco...

Blanca: O que broco?

Lida: Broco é broco do carnaval, cada escola de samba tem um broco. Ai vivia, criei meus filhos aqui, eu tenho 3 filhos, tem os meninos que são gemios que já tiveram 6 filhos, eu tenho uma filha de 35 anos, tem 2 filhas gemios tambem... é de familia!

Florence: Eu vou perguntar as mesmas perguntas para vocês... Antes da UPP vir para o Salgueiro, você foi consultada se era a favor o a contra ?

Lida: Não não não, não fui consultada não.

Florence: E já foi consultada uma vez em relação a alguma decisão politica?

Lida: O meu cunhado sempre foi... e de administrador da Tijuca, de administrador ele foi em Saens Pena. Ele agora esta aqui na associação então sempre foi envolvido com politica.

Florence: Mas as pessoas daqui do Salgueiro não foram consultadas pessoalmente para uma decisão politica?

Lida: Tem varias pessoas que fazem grupo, um vota para o politico do lado o outro para o politico do outro...Tem varios grupos de politicos e sempre tem movimentos politicos ai.

Marcia: Quand fez a rua, foi no projeto onde ela (Isabela chegou) trabalhava e que ela foi uma pessoa fundamental para trazer para aca porque se não, não vinha.

Florence: Você observou alguma mudança depois da chegada da UPP ?

Lida: Mudou. Eu nasci aqui então eu tinha muitos colegas e murieram muitos, eu fique muito triste, e a UPP diminuiu bem. Então eu gostei, chegaba na minha porta, eu não tenho nenhum problema com eles, bom dia boa noite, muito bem. Obrigada a deus, nunca tive problemas com eles. E para mim melhorou.

Florence: Então você se sente mais segura?

Lida: Sim eu sinto mais segura. Sempre gostei, muito muito muito muito bem ! Para mim foi muito bom !

Marcia: A questão aqui que a gente pergunto, se eles ajudam com a agua, quando falta uma luz, se ajudam em questão de infraestrutura...

Lida: Eu acho que eles não vinheram diretamente para isso, eles vinheram mais por questão de...

Marcia: Você acha que eles cumprem com o papel?

Lida: Ah sim cumprem! Eles fazem um trabalho direitinho.

Marcia: Por exemplo?

Lida: Quase cada semana morreu um colega e eles diminuíram bem! Melhorei claro, melhorou bem!

Florence: Mas então, este trafico não muda para outra parte?

Lida: Não porque... se muda a outra parte eu não sei porque a gente já não vê mais. A gente sabe que tem mas a gente não vê muito.

Florence: Você acha que as olimpíadas foram boas ou ruins para a comunidade?

Lida: Muito bom mas para a comunidade não teve melhoramento nem um! Não muda nada. As pessoas tinham vontade de levar as crianças mas para a gente é difícil chegar lá! A gente queria levar as crianças mas não podia. A pé é perto mas é muito difícil...

Florence: Mas com as olimpíadas não chegaram mais turistas?

Lida: Não...

Florence: Você acha que é porque a zona norte, e que há mais turistas na zona sul?

Isabela: A verdade é que os moradores do Rio ficaram sitiados durante as olimpíadas. Os turistas já chegaram com passes de ônibus, de metro, de tudo. A gente não se podia mover nem com automóvel. Mas nos sentimos sitiados até que termine as olimpíadas.

Blanca: Mas sitiados porque?

Isabela: A gente não conseguia se mover... Eu moro em Vila Isabel perto do Maracanã...

Marcia: Espera, conta sua história... A Isabela nasceu aqui...

Ana Maria: Não, ela se criou aqui, ela nasceu na cidade. Nós mudamos aqui por falta de condições, eu morava de aluguel e meu marido ganhava pouco e quanto foi muito difícil o aluguel, eu fui visitar uma casa em Santa Teresinha e depois falei, vamos lá em cima. Sua irmã tinha uma casa vazia para a gente. Vieram dum apartamento com condomínio a uma coisa bem mais simples mas para mim, eu agradeço a Deus porque eles tiveram a oportunidade de conhecer os dois lados. Então criou eles 3 aqui...

Marcia: Fale o que os seus filhos são.

Ana Maria: Ela trabalhou aqui na favela, ela ajudou muito...

Marcia: Mas fala, ela é a mãe da comunidade...

Ana Maria: Qualquer coisa ela está sempre aqui, ela falou comigo sobre você aqui. Ainda esperamos a minha cunhada que mora aqui desde muitos anos. Ah eu creio... Ela é merendeira mas hoje ela é pós-graduada, o meu filho do meio está em Santa Catarina para estudar e o meu casulo mora aqui, hoje é doutor e funcionário público, mora lá embaixo em frente da igreja. Antes que faleceu meu marido, falamos que aqui é o caminho correto e aqui é o caminho errado, cadê vocês? Escolheram o que querem. A única coisa que o pobre pode ter é estudo, a boa educação. E água e óleo, não se pode misturar, cadê vocês? Depois que morreu meu marido, continue a criação. Tem 4 netos e continua aqui. Eu gosto da minha comunidade, eu gosto da minha colega, a gente sempre se reúne para fazer reunião, para fazer oração, para fazer uma festa, para fazer uma coisa, tudo! Mas tornamos em uma família, como vou ir em outro lugar se aqui tenho amizade desde muitos anos. Já somos família!

Marcia: Mas fala para elas, a questão da participação política sua.

Ana Maria: Não temos, não tem nada!

Marcia: Por exemplo, a politica externa, as pessoas que estão lá fora, subem aqui pedir o voto, conta para a gente!

Ana Maria: Ah sim! Eles subem, prometem para o voto...

Lida: Faz churrasco, cervejas...e bebem!

Ana Maria: Eu acho que eles pensam que as pessoas se trocam por um copo de cerveja, um pedaço de carne mas não é certo. A minha opinião, eles deveriam fazer primeiro, quando eles entram para eleição, eu fiz isso aqui, eu fiz isso ai... Ai, nos iriamos votar, com toda sinceridade.

Marcia: Algum politico subiu aqui para perguntar o que você precisava?

Lida: Não...

Ana Maria: Eles so vem para dizer que vão dar uma churrasquinha lá em cima com cervejas. Como esse Raymond ! Ele vem aqui nas outras eleição, ele vem e as pessoas fizeram café para ele, tudo o mundo foi lá tirar retrato com ele. Vem Ana, não, porque ? Porque eu não tiro retrato politico. Eles vem, tiram retrato com a gente e depois que ele ganha a eleição, ganha cadeira, não lembra que a gente existe. Infelizmente assim são todos.

Isabela: Eu acho que so foi um politico que fiz algo para a comunidade.

Ana Maria: Brizola tambem...

Isabela: Mas eu não pegue essa epoca. O que eu pude ver é que o que ele prometia, ele daba, como os materiais de construção, de casa, esas coisas todas.

Marcia: Contando para a epoca atual, e Crivella?

Isabela: Crivella... sem comentario! Eu prefiro não comentar...

[RIRE]

Marcia: Ele subiu para saber de vocês?

Ana Maria: Ele nunca subiu.

Isabela: Não mas ele cuidava do povo mas o povo dele é da zona sul, não povo favelado, povo a margem da sociedade como dizem nem, o povo que não tem ensinamento basico, o povo que

não tem agua porque o morro so tem uma caixa de agua e se a caixa fica ruim, a comunidade entera fica sem agua. Aqui na comunidade nos eramos 4872 mas já dobrou.

Florence: Mas aqui no Rio, muitas pessoas moram nas comunidades então eu não entendo como os politicos podem ganhar assim...

Marcia: Não tem interes para eles.

Isabela: Na minha opinião o que acontece... O povo das comunidades, em sua grande maioria, ainda infelizmente é um povo muito carente, carente de recursos não é carente de dinheiro mas de recursos assim, de equipamentos publicos. Então o que acontece, nos estamos carente de equipamentos publicos, so tem morro por fora, tudo esta mascalhado, as escaleiras emcima não existem e a rua apareceu porque eu trabalhe muito, para a prefeitura, fazer assignatura... Falando da UPP, eu posso falar verdade o mentira?

Marcia: Fala verdade!

Isabela: Na minha opinião, a UPP so piorou a situação. Sabe porque, porque a gente não ve mais os colegas armados por ai, mas piorou porque a UPP so esta para seguir ordens, não esta para fazer trabalho social nem um, não entram para ocupar as crianças que entram no trafico, não entram com nada. Então sem programa de saude, sem programa social, ela não entrou com nada para substituir o destino, então realmente isso piorou. Antes, tudo o mundo sabia que existia o trafico, se alguem queria comprar algo subia, subia quem queria comprar, tudo em paz. Então acabaram com eles e eles que fizeram, foram na rua descer para robar. A segurança aumento total na rua, porque? Porque...

Florence: Porque eles tinham seus negocios...

Isabela: E là embaixo ninguem vai vir para comprar drogas porque que queriam... nos eramos um morro muito calmo em relação a muita comunidade do Rio de Janeiro, aconteceu que moriu ele ou el outro mas era entre eles nem. Então o que aconteceu...

Lida: Sempre moriu...

Isabela: Sim mas sempre foi os que estavam envolvidos. Geralmente el que moria era envolvido então assim, na minha opinião a UPP piorou muito. Porque agora você não consegue andar na rua sem ser asaltado. Agora mesmo em este momento esta acontecendo porque mataram ao filho do dono da Vidigal, hubo tiros... Porque? Porque não tem fin de semana no morro com baile

então eles vão na rua infelizmente. Eu não estou defendendo o trafico, eu estou dando minha opinião porque eu acho que piorou.

Blanca: Que ha que fazer para melhorar?

Isabela: Na verdade, eu acho que nesse momento não tem nada ser feito, nada que se faz en este moment vai funcionar, do jeito que esta hoje, acho que não.

Blanca: E projetos a longo prazo?

Isabela: Projetos a longo prazo sim, mas neste moment não tem...

Marcia: Não existe projeto! Até agora não existe nem projeto nenhum.

Isabela: Eu não vejo solução assim...

Marcia: Immediata não... o desemprego é total, a escolaridade... para você conseguir uma vaga para seu filho, você já fiz isso...

Ana Maria: Mas numa escola boa, porque a publica...

Marcia: A publica é uma porqueria.

Isabela: Eu trabalho numa escole publica que eu prefiro não citar o nome. A guerra de facção entro na escola, a escola parece uma prisão.

Marcia: A minha filha é professora e já foi assaltada com arma varias vezes.

Isabela: Eles levam a violencia da comunidade para escola porque assim, uma pessoa que mora na Mangueira que tem uma facção e outra que mora noutro lugar onde tem outra facção, então eles acham que eles tem que defender a facção do morro onde eles moram. Não são bandidos, não são traficantes, são estudantes mas brigam porque moram na comunidade x que tem uma facção diferente de outra comunidade.

Florence: Então eles levam a guerra na escola?

Isabela: Isso! Exactamente isso! E como uma guerra urbana na escola por denominação dos traficantes, é bem complicado.

Lida: Mas isso a escola de noite...

Isabela: não, isso é de dia!

Ana Maria: E de dia! O problema é de dia!

Isabela: Já chegaram armados varias vezes...

Marcia: Sabem que? Em Novo York é muito pior!

Isabela: Mas não tem as drogas dentro da escola porque eles respeitam. Mas assim, eles levam armas mas o trafico de droga obrigada a deus não invade os muros da escola e eles respeitam. Mas infelizmente 70% dos alunos terminam sendo traficantes.

Florence: Aqui no Brasil e obrigatorio ir na escola?

Isabela: E obrigatorio até os 18 anos.

Marcia: E obrigatorio mas não é cumprido.

2ème partie:

Intervenants :

- Maria da Gloria Lopes de Carvalho – 70 ans – habitante de *Salgueiro*
- Marcia Renault Lupino – 58 ans – journaliste
- Blanca – 29 ans – volontaire à l’*Instituto Tocando em Você*

Florence : Você mora aqui desde quanto tempo ?

Maria : Eu nasci aqui...

Blanca : E moro aqui toda a sua vida ?

Maria : Toda a minha vida.

Florence : Como é para você morar aqui ? A vida é boa aqui ?

Maria : Para mim, maravilhoso, não tenho nada que reclamar. Eu gosto daqui, a familia do meu esposo mudaram todos aqui, ele disse que vai morrer aqui e morro aqui mesmo.

Florence : Você viu muita mudança com a chegada da UPP ?

Maria : Não...

Florence : Então você não acha que aqui é mais seguro desde que chegou a UPP ?

Maria : Em vista das outras comunidades, para mim, aqui é tranquilo, é uno dos melhores morros, tem que reclamar não.

Florence : Você acha que as olimpíadas tiveram foram boas o ruim para a comunidade ? O não significou nada ?

Maria: Ruim... foi geral. Para a gente aqui não.

Florence: Não beneficiu de nada?

Maria: Aqui não.

Florence: E tamben não teve mais turismo?

Maria: Aqui não.

Florence: Você que acha de Marcello Crivela?

Maria: Eu gosto dele, o que ele promete ele faz.

Florence: O que ele prometeu?

Maria: Ajudar a gente.

Florence: Ele vim aqui para perguntar o que você precisava?

Maria: Nao, ele vim quando fizeram as casas là encima, já hà muito tempo.

Florence: Você acha que ele vai fazer o que ele prometeu?

Maria: Eu acho que sim, eu confio en ele.

Blanca: E do Freixo, eu posso perguntar o que você acha?

Maria: Ele é muito garoton, muito diferente do Crivela, muito liberal. Eu gostei mais do Crivela.

Florence: Você nunca foi consultada para alguma decisão politica?

Maria: Não, nem se me chamar não quero não.

Florence: Porque?

Maria: Eu tenho responsabilidade do Salgueiro que é uma responsabilidade de cem bahianas, cem cabezas. Hoje eu tenho ensayo, daqui a pouco vou para là.

[PAUSE]

3ème partie:

Intervenants :

- Emmerson Pires Menges – 44 ans – habitant de *Salgueiro* depuis 8 ans
- Marcia Renault Lupino – 58 ans – journaliste

Florence : Você se pode apresentar um pouco, em que trabalha, quanto tempo você tem morando aqui ?

Emmerson : Eu me chamo Emmerson, tenho 44 anos, eu sou formado em comunicacion social, comunicacion journalismo, eu estou aqui no morro do Salgueiro hà 7 anos e hà 4 anos estou comercante aqui na panaderia.

Florence : Para você como é viver aqui ?

Emmerson : Olha, eu gosto muito, como eu não sou daqui do Salgueiro, eu senti muita curiosidade porque sempre ouvi falar muito desse morro. Eu sou de Irajà, que é um bairro da zona norta e eu nasci e fui criado em Irajà. Hà 8 anos atras eu não conhecia o Salgueiro. Desde que conheci, eu gosto muito porque é um morro pequeno, é um morro onde as relações familiares são muito fortes, é um morro onde as pessoas, em sua grande maioria, todos se conhecem e tem um guardar entre as pessoas muito forte que tal vez não tem feito en outros morros que eu havia visitado e isso me chamo muito atenção. O que me chamo muito atenção tamben são os aspeitos culturais daqui do Salgueiro porque a gente tem o Cachambu, que é uma dança muito antiga, de base afro. Aqui no morro eu acho que é a representação cultural mais antiga que o Salgueiro tem. Tem um clube de Samba que é internacionalmente conhecido e outros aspeitos culturais. Cada morados tem sempre uma historia interessante que contar e demonstra muito bem as relações de onde vêm.

Florence : Antes da UPP vir para o Salgueiro, você foi consultado se era a favor o a contra ?

Emmerson : Não, não fui consultado.

Florence : E você tamben não foi consultado em alguma decisão politica daqui ?

Emmerson : O que acontece, tem a associação dos moradores e eu não vou precisar a data mas eu acho que foi em 2014 que foi a eleição do presidente dos moradores, eu participe em este

proceso eleitoral. Ajudei a comissão organizadora das eleições e eles tiveram apoio também da FAFERG, Federação da Associação das Favelas do Estado de Rio de Janeiro. A gente realmente conseguiu organizar esse eleito porque o morro ficou um tempo sem sua representatividade, entendi, sem representante legal. E a través deste processo, a gente conseguiu chamar todos aqui, avisar, conseguir colocar cartão de jugação, para dar legitimidade ao processo. Então a gente conseguiu mobilizar algumas pessoas da forma que deve ser feito. E esse foi o processo mais... político com qual a gente teve uma interação, entendi.

Agora, em 2013, sim 2013 para 2014, o morro de Salgueiro também participou de um colegiado de favelas para pleitar ao estado do Rio de Janeiro e ao governo federal, obras que podem ser executadas através do PAC favela, do PAC 2. E estávamos... conseguimos realizar várias interações com o governo e o estado através das obras que é a BOPE e a gente conseguiu acompanhar este processo junto com das outras favelas daqui do Grande Tijuca que é a Formiga, que é a seguinte, e o Borel. A essas três favelas, elas foram contempladas em este PAC 2, sendo que este projeto... não saiu do papel. Nós acompanhamos e chegamos até o dia que foi provisionado via o governo federal pela banca federal mas por questão de burocracia e acho que muito provavelmente pela recessão que nos acometiu, a gente acha que por isso esse projeto tenha sido abandonado. Não foi adiante. E deixou muitas expectativas grandes aqui nos moradores porque trabalharia as questões de infraestrutura básica e iria reformar umas quadras que existem aqui no morro mesmo e iria fazer uma rede social, uma creche comunitária para as crianças porque a creche no morro atualmente, ela não abriga... o número de vagas é muito inferior que o morro tem. E que mais... a infraestrutura básica, melhorar a pavimentação das ruas, os acesos mas o que seria mais importante, seria as obras de saneamento básico, a questão da distribuição da água é uma coisa muito complicada no morro. É uma questão que ainda é muito frágil porque a água para ser distribuída ela precisa de ligar e desligar bomba, não é um processo automático, é um processo que precisa de mãos humanas em horários muito irregulares. E a esperança é poder ter acabado com isso. É uma deficiência do estado, do governo... mas a gente sabe que outras questões ficaram fora por a questão da recessão mesmo, que foi legado pelo menos.

Florence : Quais foram as mudanças que você observou com a chegada da UPP ?

Emmerson : Uma das questões que a gente assim viu mais... representatividade assim... é a questão do ele vir. Eu acho que principalmente as pessoas que não conheciam o morro, que não tinha o hábito de vir passear ou consumir algum prato... de vir e mesmo conhecer o morro tal vez por medo de encontrar com algo que não fosse comum, o medo da segurança. Eu acho que

trouxe esse publico de fora e a gente pode servir refeção por exemplo... E a segurança é um dos factores que a gente deve realmente pontuar. Eu acho que outros, por exemplo, fornecedores, que também não tem o habito de vir ao morro e oferecer o seu serviço, passam a fazer isso. E eu acho que segurança realmente a gente poderia por demais significativo. A gente também fico aguardando um retorno da parte da alta secretaria do estado, que não fosse so segurança publica, pode se ver mais atenção social, mais professores, a questão da saude também... A pesar que até a secretaria de saude, ela vem fazer um trabalho bem interessante com agente de saude no morro, era bem eficiente e pode acompanhar.

Marcia : As UPP não foram criados so para a questão da segurança, mas pela questão também de trazer para comunidade o que ela precisava de infraestrutura. Você sintiu que destroceram alguma coisa para vocês ?

Emmerson : Na verdade, eles bateram cabeça entre eles mesmo nem... A gente acompanho o proprio dinamico quando implento esse projeto do estado do Rio de Janeiro. Desde o inicio, ele colloquava como que não tinha certo de implementar esse projeto, realmente sozinho então pidiu o apoio das outras secretarias nem, da social, da saude, da cultura... das que realmente podiam vir come le para que se podesse fazer outros trabalhos sociais, o que não é o papel da segurança publica. Eu acompanhei outros lugares que tiveram a implementação desse programa antes do Salgueiro, como Santa Marta, a propria Cidade de Deus, e o que a gente veia em esses lugares era que a propria policia fazia varias vezes o trabalho de educador, de assistão social, de infermero... muito pela falta de outros suportes, de outros servicos.

Marcia : Elas foram as primeiras, foram a epoca da criação do Colonel Robson, que era um anthropologo, un sociologo, e que foi ele que creo as UPP para que ? Para que principalmente prohibem o trafico de armas, nem de drogas, de armas, e para trazer infraestructuras na comunidade. O Colonel Robson falou o siguiente : para as UPP prosperaram, quem fosse o funcionario da UPP, uma guarda da UPP, ele tinha que ser profesionalizado para eles. Tinha que ter um quartel para formação das pessoas que trabalham na UPP. Eles pusieram Colonel Robson a cargo que ele queria continuar com esse projeto que era seu projeto de vida... e não crearam esse local para formação dos profissionais da UPP. Então vem profissionais muito dispreparados, entendi.

Emmerson : Muitas das vezes vem do interior do Estado...

Marcia : Que não conhecem o programa !

Emmerson : Exactamente que não conhecem o programa, que não conhecem nada dos problemas da capital. Então vem muitos policiais do interior do Estado que não conhecem a realidade das favelas, dos morros, dessa pobreza, desse mecanismo. E a própria formação é de 6 meses...

Marcia : Eu acho que estes policiais não sabem do potencial que tem aqui no morro. Por exemplo, tem o Emmerson que tem o estabelecimento que tem tudo de bom, que tem as reuniões. Fora dele, há pessoas que tem a tradição oral...

Emmerson : Exactamente !

Marcia : A gente trabalha muito, eu trabalha no clube Renascença além do meu trabalho no Instituto Tocando em Você. Eu vejo a rescata da tradição de alegria, e aqui, porque é que vocês estão tão abandonados ? A história do Cachambu que nasceu aqui ainda traz turismo aqui, entendi.

Florence : Antes da UPP havia mais tráfico ou não ?

Emmerson : Olha, sim... porque não dá para negar também. Como em qualquer lugar realmente, eles vieram muito a questão da substituição de armas.

Marcia : Que era o objetivo !

Emmerson : Sim era o objetivo...

Marcia : A realidade é que o tráfico foi pelo asfalto.

Emmerson : Sim...

Marcia : Agora você não precisa subir no morro, você compra na rua. Compra quem quer, fumar quem quer e tem pessoas por exemplo, a maconha, e terapia em muitos casos. Há crianças que fumam maconha para poder viver. Então eu acho que depende muito da cabeça de quem faz, não drogas que acabam com as pessoas como o crack, mas eu acho que as outras drogas, depende de como uma pessoa utiliza, mas depende de lá a cabeça de cada um.

Emmerson : A gente fala do tráfico e costuma criminalizar a figura do traficante e de todos os que se acercam...

Marcia : E de quem compra...

Emmerson : Ele que compra eu acho que esta numa situação complexa, da questão da saúde,... Mas ele que esta alimentando a realidade é ele que esta vendendo.

Marcia : Os que moram na zona sul nos grandes apartamentos, que são pessoas de classe A A A, e nunca vão morrer mas são as pessoas daqui do morro que vão morrer.

Emmerson : Exatamente. Então assim, é fácil criminalizar e quem perde com isso é a parte mais fraca, a parte mais pobre que tal vez não tem acesso à educação. Você imagina o que se paga... Inclusive as próprias armas então é muito hipócrita você criminalizar...

Florence : Aqui no Rio ainda tem muita discriminação entre as pessoas da zona sul e as pessoas da zona norte ?

Marcia : Tem, eu sou discriminada, eu sou uma jornalista e sempre morei na zona norte e quando estou com o grupo da zona sul... Ah você mora na zona norte... Ninguém fala nada porque o nível social não é o mesmo mas o nível cultural é maior que onde mora o filho do pai.

Blanca : E como as pessoas da zona sul que podem ter um sentimento de superioridade...

Emmerson : Eu tenho amigo, assim, nem amigo mas conhecido de alguns anos e por Facebook a gente consegue conversar mais e ele é do sul e atualmente mora em Buzios e ele é das pessoas que quer a separação do sul...uma loucura. Nem São Paulo pretende a isso.

Marcia : E a questão de falta de Brasilidade, falta de patriotismo, de humanidade...

[PAUSE]

Emmerson : Este morro tem uma história de negritude, de escravo. Então é um morro que se configura de uma maneira diferente.

Florence : Para você aqui na comunidade, as Olimpíadas foram ruins ou boas ?

Emmerson : Também é a questão do preconceito não. Há um preconceito incluído entre as próprias favelas, das pessoas que moram numa favela da zona sul e das pessoas que moram numa favela da zona norte. Imagina um que mora numa favela da zona oeste, algumas tem o nível de perigo mais elevado. Então existe esta diferenciação entre as pessoas das favelas. Por exemplo, quando se trata do turismo, a gente vê que locais tem turismo e favela, que se diferencia eles sendo na zona sul dos estando aqui na zona norte. O número de interessados em

conhecer as favelas da zona sul é muito maior do que os interessados em conhecer as favelas da zona norte o oeste.

Quando teve a Copa qui foi em 2014, a gente conseguiu ver uma aporte maior de turistas a nos mesmos, aqui na panaderia, a gente recebia jornalistas, alguns alemães, portugueses, italianos, franceses,... Quando foi realmente as Olimpíadas, teve um decresce mas esse decresce foi notado em outros lugares também, não foi só aqui.

Florence : Então para você foi bom ?

Emmerson : So na Copa nos recebimos mais gente. Foi interessante porque realmente a gente teve um... chegaram mais turistas. Em relação com a comercio, a gente viu que hubo essa diferenciação na Copa mas não se repetiu nas Olimpíadas.

Florence : E agora ?

Emmerson : Agora não se note mais não.

Florence : As pessoas ficam na zona sul ?

Emmerson : Sim sim.

Marcia : Por exemplo, tem o morro do Vidigal na zona sul que é turista. Em qualquer local, você encontra um inglês, um francês, um americano, que inclusive compro. Em Chapéu Mangueira, por exemplo, em um local, se você queria um lugar você não conseguia, e com problemas maiores do que aqui, mais perigoso.

Florence : O Vidigal mais perigoso ?

Marcia : Não, o Chapéu Mangueira.

Florence : Onde fica ?

Marcia : Copacabana... Mas agora, o Vidigal, não é a paz que você acha não, porque onde eu fique no Vidigal, fiquei no Vidigal um mes, já tem uma fabrica de bikini dentro do Vidigal e é colado, não existe uma barriera gente.

[PAUSE]

Florence : Ultima coisa, você que acha da eleição do Crivela ?

Emmerson : Eu acho uma coisa basica nem... Eu acho que não se deve mixturar politico e religião, deve ser laico, isso é uma coisa. E o que eu vi é que se mixturo muito ultimamente e esta vez como nunca antes se tinha mixturado. Em Irajá, eu já vi a Igreja Universal que é da Crivela... Nessa igreja lá em Irajá tem jovens saindo com maderas e panfletos para evangelisar mas na verdade para panfletar politicamente para ele. Me choco muito porque na verdade porque aqueles jovens podriam estar em qualquer lugar, podriam sair de qualquer lugar, duma republica, duma escola, dum diretor de academia, duma facultade, podriam sair duma reunion da associação dos moradores, qualquer outra organização mas são dentro duma igreja, reunidos dentro duma igreja, se organizando para panfletar o politico daquele igreja. Eu acho muito perigoso este aspeito das coisas...

Marcia : O Crivela em algum momento veio aqui na comunidade ?

Emmerson : Não que eu saiba, não que eu tinha visto. Apesar que ele tem feito um trabalho aqui no morro, que construyo algumas casas lá mais para encima no morro lá no campo, aquelas colonial. E não sube si ele realmente... acho que não, não tem a informação que tinha vindo trazer um retorno, trazer propuestas...

Marcia : Porque dentro deste trabalho que ela faz, a grande preocupação dela é saber até que ponto a comunidade ele tem voz dentro da politica, entendi. A politica que eu falou é de habito geral mas tambem pode ser do geral para o particular, pensando a politica tambem aqui dentro do morro, associação dos moradores, você tem voz, você não tem... Primeiro fala ao nivel externa, ao nivel da prefeitura, você tem voz, tem representatividade ?

Emmerson : Não, essa interação mais forte inclusive eu vi ela proposta no plan mesmo strategico do governo do outro candidato que foi o Marcela Freixo. Fizeram o FAFERG que fizeram uma propuesto politica aqui no morro...Já comentei com ela... E esta federação elaborou uma serie de propuestas que atendece a realidade dos moradores das favelas. Eram 6 propostas basicamente e essas propostas foram levados aos candidatos para que eles pudessem introducir no seu material, no seu discurso, no sua propria plataforma. O unico candidato que não so compro idea e que foi na propria FAFERG foi o Freixo.

Marcia : Que perdeu...

Emmerson : Que perdeu... foi o unico. Lá, que eu tenho amigos dessa federação, não vi mas relatado por eles, que foi Crivela para que pudesse se comprometer com as propuestas. Eles segundo relataram que ele não faria isso porque tratar a favela é muito complexo, que não

bastaria 6 propostas, ele acharia que seria necesario fazer um trabalho de atendimento... E dentro dessas propostas apresentadas, a criação duma secretaria propria para as favelas, que pudiesse realmente incluir este nixo nas discussões estruturais da cidade.

Marcia : Agora que sejam representantes das favelas...

Emmerson : Das favelas, um colegiado...

Florence : O representante das favelas là é um morador ?

Emmerson : Na FAFERG ? Tem representante de varias comunidades, de varias favelas...

Marcia : Moradores...

Emmerson : Moradores !

Marcia : Por isso que tà certo, que eles conhecem a realidade.

Florence : Isso é um colegiado ?

Marcia : Sim, um grupo de pessoas...

Florence : Mas eles tem peso politico nas decisões ?

Marcia : Tem !

Emmerson : Tem ! Digamos que são nos fazendo um colegiado, não teria a figura do chefe, do representante maior, do presidente, do diretor...Tudos nos, tudos teriamos a mesma voz.

Marcia : Agora fala para elas, aqui dentro do morro, por exemplo a associação dos moradores...

Emmerson : Isso já falei também, foi feito um processo e eu participei nesse processo, eu fiz parte da comissão que organizou essas eleições e inclusive a propria FAFERG veio ajudar no processo, para acompanhar tudo o processo. Foi um processo em tudo um dia, começou as 8-9 da manhã e foi até 5-6 da tarde. Fizeram tudo o processo inclusive na contagem das segundas e levaram legitimidade. Uma coisa que a gente infelizmente não viu é da parte do cidadão que ele podia realmente votar... Não foi tão, não foi tão participativo da parte dos moradores, porque eles tiveram visto isso como algo muito novo. Já tiveram outras eleições, não foi uma novidade, mas isso foi uma eleição, acho que...Não posso afirmar isso mas acho que foi um processo muito democrático, um processo muito participativo mesmo, entendi. E não teve jurisprudência, não

teve ninguém dizendo faz dessa forma faz dessa, eu quero que esse candidato ganha... Não, quem votou, votou o que queria votar.

Marcia : Uma última curiosidade, a rádio do Salgueiro, que é o meio de comunicação do morro, que existe aqui, tem força política ?

Emmerson : Como tudo canal de comunicação, tem. Mas não faz política, inclusive eu faço parte também desse grupo. Então assim, não há partidário, a rádio, ela não pertence à associação dos moradores apesar que o presidente tem total liberdade, total acesso que ele precisa. É uma rádio poste, é uma rádio que precisa de um cabramento para ter uma caixa de som...

Marcia : E funciona !

Emmerson : Sim funciona, não é por internet e também não é por ondas, é realmente uma rádio poste, entendi. Mas ela tem seu papel político porque é a forma de você informar a comunidade.

Marcia : E formar opinião !

Emmerson : E formar opinião, que eu acho que hoje está inclusive um grande aspecto político.

Florence : Muito obrigada !

Annexe 4 : Familles expropriées ou menacées de l'être par des projets liés à la Coupe du Monde 2014 et aux Jeux olympiques 2016

Interventions urbaines	Nombre de familles expropriées	Nombre de familles menacées	Total
BRT	1203	4028	5231
Porto Maravilha	605	1142	1747
Autres infrastructures	626	746	1372
Total	2434	5916	8350

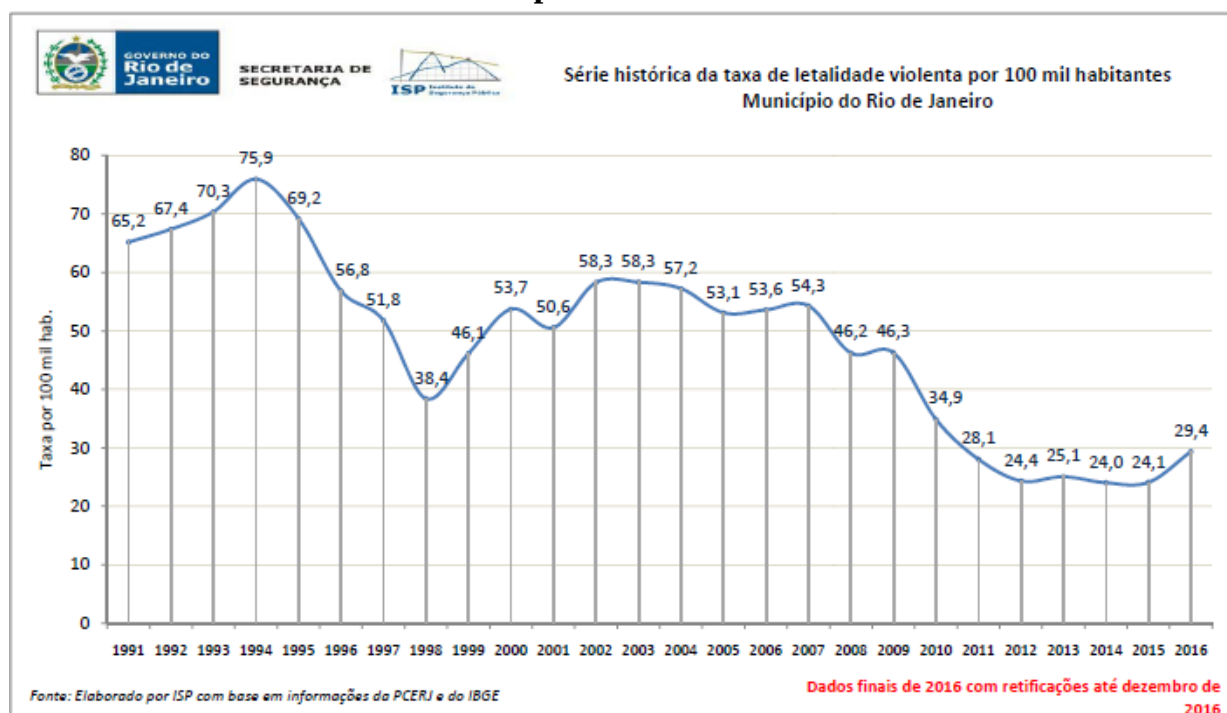
Source : Comitê Popular da Copa (2013).

Annexe 5: Dates d'installation des UPP jusque janvier 2012

Unidade de Polícia Pacificadora	Data de instalação
Santa Marta	19/12/08
Cidade de Deus	16/02/09
Jardim Batam	18/02/09
Babilônia/Chapéu Mangueira	10/06/09
Cantagalo/Pavão-Pavãozinho	23/12/09
Tabajaras/Cabritos	14/01/10
Providência	26/04/10
Borel	07/06/10
Formiga	01/07/10
Andaraí	28/07/10
Salgueiro	17/09/10
Turano	30/09/10
Macacos	30/11/10
São João/Matriz/Quieto	31/01/11
Coroa/Fallet/Fogueteiro	25/02/11
Escondidinho/Prazeres	25/02/11
São Carlos	17/05/11
Mangueira/Tuiuti	03/11/11
Vidigal/Chácara do Céu	11/01/12

Fonte: Coordenadoria de Polícia Pacificadora – CPP/PMERJ

Annexe 6 : Taux de létalité violente pour 100 milles habitants



Annexe 7 : Taux de létalité violente pour 100 milles habitants en opposition à une intervention de police

